

Quando Fernando Pessoa foi meu explicador de inglês

Eduardo Calvet de Magalhães, director da cooperativa portuense «Árvore», foi explicando de Fernando Pessoa. Pedimos-lhe um depoimento sobre o assunto.

Eduardo Calvet de Magalhães

Em 1934 — tinha eu 13 anos — meu pai, funcionário do Ministério da Educação e pintor, pediu ao primo Vitoriano Braga que lhe arranjasse um explicador de gramática inglesa para mim e ele lembrou-se, por sua vez, de um primo seu, que lhe pareceu ser a pessoa indicada para o efeito. Os honorários foram concertados entre meu pai e Vitoriano Braga (creio que eram 150\$00 por mês, o que na altura era bastante dinheiro) e eu passei a ir duas ou três vezes por semana (conforme fossem férias ou períodos escolares), às 6 e um quarto da tarde, a um prédio da Rua de S. Paulo, ao lado do elevador da Bica, onde o meu explicador então trabalhava. As lições duravam uma hora e meia, com um pequeno intervalo para eu ir tomar um copo de leite à leitaria de baixo. O meu explicador era um senhor que se chamava Fernando Pessoa.

A ideia que guardo mais viva na memória era de que se tratava de um senhor magro, de chapéu mole, mais ou menos como o pintam por aí, embora não exactamente. Uma outra característica que despertava imediatamente a atenção era o seu hábito avinhado, um tanto desagradável. Embora miúdo, apercebi-me logo de que me encontrava perante um alcoólico.

Era, efectivamente, um espantoso explicador de gramática inglesa. Para mim revelou-se, contudo, um grande maçador... Tanto assim que — com amargura agora o confesso — quando soube que ele morreria, em Novembro de 1935, bati as palmas de alegria...

Convém acentuar que ele não se limitava à explicação árida da gramática inglesa. Falava-me também de autores, da literatura em geral, com especial destaque para Edgar Allan Poe. Abordava também assuntos relacionados com sociedades secretas — Rosa-Cruz, Maçonaria — ensinando-me os termos que lhes diziam respeito em inglês. Eu, que já então andava sempre a fazer bonecos, desenhava alguns símbolos, a seu pedido. Outro tema que ele abordava com frequência era o dos jogos em geral e dos de cartas em particular. Nunca se zangava, falava sempre baixo e em tom monocórdico, nunca me olhava de frente. É certo que eu tenho olhos azuis, que incomo-

dam, mas não é menos verdade que Fernando Pessoa parecia-me ser bastante tímido. Nunca ria, embora por vezes me fizesse rir.

Por volta de 1940, quando Jaime Cortesão Casimiro me convidou para fazer o arranjo gráfico para a antologia «Fernando Pessoa Ele Mesmo», com prefácio de Adolfo Casais Monteiro (o célebre prefácio sobre os heterónimos) aconteceu que eu reconheci pela foto que me foi apresentada o meu antigo explicador de Inglês... Ea o mesmo Fernando Pessoa! Foi por essa época que me tornei um apaixonado de Fernando Pessoa, penitenciando-me para todo o sempre pelas ideias que acalentara anteriormente a seu respeito! Entrei em sofrimento de remorso...

Eu e o Jaime Cortesão Casimiro fundámos, aliás, a Editora Confluência (mais tarde vendida a António Pedro e José Augusto França e que lançou o célebre Dicionário de Moraes) na qual nos dispusemos a editar a referida antologia. Adolfo Casais Monteiro achou por bem que dessemos uma satisfação à família do poeta, na oportunidade representada por Caetano Dias, e este, por sua vez, depois de ter dado o seu acordo, aconselhou-nos a entrarmos em contacto com Luís de Montalvor, sócio da Ática juntamente com Gonçalves Pereira (director do ISCEF, de que eu então era aluno, pois abraçara as coisas da Matemática por influência de Bento de Jesus Caraça), editora esta que ia lançar as obras completas de Pessoa. Ficou combinado que, a fim de evitar prejuízo mútuo, as duas obras seriam comercializadas ao mesmo tempo — a nossa por 5\$00 e a outra por 100\$00. Luís de Montalvor começou, porém, a demorar o lançamento e eu e o Adolfo Casais Monteiro aborrecemo-nos com o assunto, o que deu origem a um debate que se estendeu por três números da «Seara Nova» e pelas páginas do «Diário de Notícias». As posições extremaram-se: era Casais Monteiro contra Augusto de Castro e Luís de Montalvor, ou seja, as ideias progressistas contra o fascismo.

A 15 de Novembro de 1942 saiu o nosso livro, que foi bem distribuído — mas que uma semana depois foi apreendido pela PIC (Polícia de Investigação Criminal), dirigida pelo dr. Alves Monteiro, que fez assim um favor a Luís de Montalvor. Eu cheguei a passar uns dias preso no Toren, de onde só saí sob fiança... O caso foi a tribunal e o certo é que nós, defendidos por Abranches Ferrão, ganhámos a causa. Passado pouco tempo, e devido à má situação financeira da Ática, Luís de Montalvor suicidou-se mergulhando de automóvel no Tejo.

Mas Fernando Pessoa, o homem que eu conheci e com quem privei de perto ao longo de quase dois anos, esse já não era visto nem achado para este caso...



Pessoa visto por David Levine

JORNAL DE LETRAS
26/11/1985

Heteronímia

As máscaras que se olham

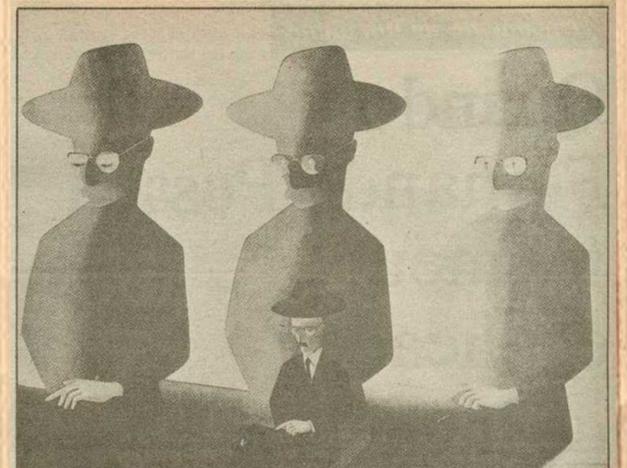
José Saramago

Naquele jazigo do cemitério dos Prazeres, onde durante cinquenta anos os restos de Fernando Pessoa foram esquecidos (agora os transportaram para o Mosteiro dos Jerónimos e acomodaram em arca nova, perante uma plateia fúnebre de ministros e secretários de Estado), havia, como é costume cristão, uma cruz. De mármore, ou outra pedra calcária menos nobre, colocada a prumo sobre a fachada insignificante, o conhecido símbolo derramava sobre o defunto bênçãos para o imediato e promessas de eternidade. De quanto valham umas e outras não sou eu o competente contabilista, nem seria esta a ocasião para se apurarem transcendências tais. Digamos, no entanto, porque em algum ponto de doutrina terei de comprometer-me, que me incluo entre os cépticos.

Ora, a cruz desapareceu, já não está lá. Partiram-na ao rente do pé, deixando o jazigo subitamente nu, com aquele ar friorento e sem jeito que têm os homens quando lhes cortam o cabelo, ou as árvores quando são podadas. Não se sabe quem foram os autores do atentado sacrilégio, desconhecem-se as razões do atrevimento. Mas a alma portuguesa, a mística alma, não pode deixar de sentir-se confortada ante o acto magnífico de roubar-se uma cruz de pedra só porque, durante meio século, ela velou o último sono de um poeta. Portugal, afinal de contas, não está perdido, se filhos seus mantêm esta fé e praticam esta coragem. Acredito que sobre a cruz e o furto

possam vir a ser lançados os alicerces de um culto novo, de que Fernando Pessoa seria, ao mesmo tempo, profeta e livro. E também não me surpreenderia se me viessem dizer que a esta mesma hora, numa qualquer cave de Lisboa, uma congregação de neófitos já vai elaborando um rito e inventando orações, ou simplesmente adaptando os velhos passes de mágica à nova esperança de redenção.

Há sempre um fundo de tristeza na ironia: a esta pouco lhe faltou para atingir a lágrima. Claro que não cairei na banalidade de interrogar-me sobre se Portugal merecia este poeta, como não pergunto se mereceu Camões. Mas torna-se cada vez mais evidente o carácter reductor da relação que, preconcebidamente ou pela obscura força das circunstâncias de tempo e de lugar, se está estabelecendo entre os portugueses vivos que hoje somos e o poeta morto e trasladado, mais emblema, ele, que homem, mais símbolo difuso que discurso coerente, mais pretexto evasivo que afirmação peremptória.



Pessoa e os heterónimos, vistos por Costa Pinheiro

JORNAL DE LETRAS
26/11/1985